

Uma história da escravidão no Brasil

O escritor Laurentino Gomes, jornalista de formação e seis vezes ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura, tem prestado um serviço ímpar frente a tantos historiadores quando o assunto é a História do Brasil. Incluo meu trabalho entre estes tantos que não atingem a tamanha magnitude de sua contribuição à historiografia brasileira. Por vezes nos fechamos nos gabinetes dos departamentos e nos escondemos em uma linguagem excessivamente técnica para o público em geral. O sucesso de Laurentino consiste exatamente em não fazer isso, ele é direto, elegante na forma, mas sem afetação.

AUTOR

Antonio Djalma Braga Junior - doutor em Filosofia, filósofo e historiador; professor da Escola de Direito e Ciências Sociais da Universidade Positivo.

Na verdade, pouco nos atentamos a isso: um cientista, seja das humanidades ou das ciências duras, não deve ser movido pelo apreço popular e seus aplausos.

Alguns chegam a dizer que tais conhecimentos (os científicos) são para poucos: para os iniciados, os escolhidos, a casta intelectual da população.

No entanto, penso que se for possível conciliar rigor científico e acessibilidade popular, todos saem ganhando. É esse tipo de serviço que Laurentino tem nos prestado de modo tão efetivo nos últimos anos em suas obras sobre história do Brasil e, mais recentemente, sobre o tema da escravidão.

Sua trilogia da Escravidão (que já teve dois volumes publicados no Brasil) mantém êxito no propósito de levar conhecimento ao público não especializado, sem banalizar as fontes históricas e sem afastar-se do rigor científico que sempre o acompanhou.

Por ocasião do lançamento do segundo volume da obra, o autor gentilmente nos brindou com uma belíssima palestra de apresentação de suas mais recentes pesquisas, trazendo detalhes riquíssimos de nosso passado cruel que insiste em permanecer de modo velado ainda hoje.

Conhecer a história da escravidão com tantas riquezas de detalhes deve produzir em nós sentimentos dilacerantes, ora provocando náuseas, ora raiva, mas, no fim, o que fica é uma profunda compaixão para com o povo negro. Compaixão esta que só se faz possível por meio de uma tomada de consciência sobre como a estrutura da escravidão estava então fundamentada.

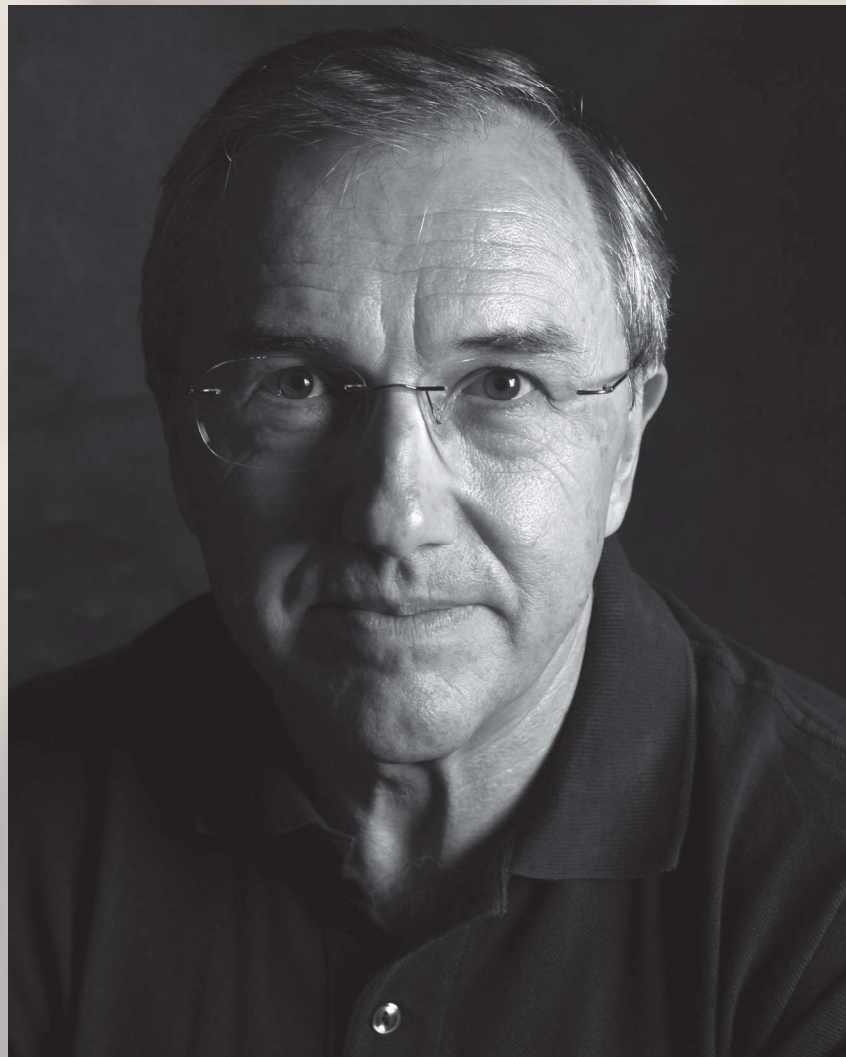
Em uma oportunidade, durante sua palestra, pude questionar Laurentino sobre a existência da escravi-

dão antes do tráfico negreiro que ocorreu a partir de 1500 na América. Ele próprio faz essa ressalva e deixa claro que a escravidão é um fenômeno tão antigo quanto a própria humanidade e foi praticada no mundo inteiro.

Citando exemplos que remontam à antiguidade babilônica, ao império romano, ao Egito Antigo e à China imperial, o escritor busca destacar que os escravos provinham de regiões diversas e de linhagens étnicas muito variadas. Fato que se verifica, desde seu resgate à etimologia da palavra “escravo” que provém dos “eslavos” de olhos azuis que habitavam as regiões do mar báltico.

No entanto, ele também destaca que o que aconteceu na América foi algo nunca visto ou praticado antes na história: nada foi tão volumoso, organizado, sistemático e prolongado quanto o tráfico negreiro para o Novo Mundo. Estima-se que para cada branco que pisava na América, chegavam outros 4 negros escravizados. E pela primeira vez escravidão se tornou um sinônimo de cor de pele, origem de segregação e de preconceito racial.

Como mensurar o impacto disso na atualidade, sobretudo quando vemos que essa escravidão, tolerada por muitos até décadas atrás, persiste nos dias de hoje sob outros disfarces? Exemplo disso é que Mauritânia aboliu a escravidão em 1981, mas apenas em 2007 a prática passou a ser considerada crime, passível de punição.



Laurentino Gomes

Ao ser questionado sobre isso, Laurentino responde que pela primeira vez a cor da pele passa a ser determinante no mercado escravista. Negros passam a ser sinônimos de bárbaros, selvagens, inferiores, praticantes de religiões demoníacas e que eram oriundos da maldição de Cam, imposta pelo patriarca Noé no livro do Gênesis.

Essa ideologia procurava naturalizar a ideia do negro africano como escravo e foi fundamentada em bulas papais e sermões de padres jesuítas ao longo da colonização e catequização nas Américas. O exemplo mais emblemático disso é o sermão do Padre Antonio Vieira, em que se afirma que os negros oriundos da África deveriam ser gratos pela oportunidade de serem incorporados à comunidade cristã ocidental por meio da escravidão.

Laurentino foi enfático em afirmar que essa ideologia escravista deu origem a uma ideologia racista no Brasil no início do século XX. Ele descreve que muitos brasileiros, embora não fossem jamais capazes de manifestar em público uma injúria racial, no fundo pensam que os negros são inferiores e que não merecem as mesmas oportunidades que os brancos na sociedade brasileira. A perpetuação dessa ideologia é o que explica os números da desigualdade e da exclusão social que a população negra ainda experimenta atualmente.

Conhecer nosso passado cruel não apaga automaticamente o que passou. Mas, certamente, a tomada de consciência por parte da população e dos nossos governantes pode ao menos fomentar a criação de estratégias que visem minimizar o legado triste e abismal que a escravidão deixou ao nosso país.

Que Laurentino dê continuidade à sua jornada brilhante de nos trazer detalhes tão incríveis quanto dolorosos sobre a nossa história, conciliando linguagem atraente e rigor científico, a despeito de nós historiadores que não conseguimos tal feito. E, mais ainda, que ao escancarar tais detalhes, como estes publicados nos volumes sobre a Escravidão, possamos intervir e modificar nossas estruturas mentais e sociais para que estes fatos jamais se repitam com nenhum outro ser humano, independentemente de sua cor de pele, etnia, orientação sexual, religião ou qualquer outra característica possível. Não há outro motivo para abrir uma ferida, senão para sará-la. Se Laurentino nos amplifica a consciência sobre o que passou, cabe a nós expandirmos mais ainda a consciência a respeito do que virá. Isso depende de nós.

